



ABMES

Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior

SHN Qd. 01, Bl. "F", Entrada "A", Conj "A", 9º andar
Edifício Vision Work & Live, Asa Norte – Brasília/DF
CEP: 70.701-060 - Brasília/DF - Tel.: (61) 3322-3252
E-mail: abmes@abmes.org.br - Website: www.abmes.org.br

Discurso de Arnaldo Niskier durante o Seminário ABMES 35 anos

Homenagear, em qualquer situação, os professores é uma questão de justiça. Devemos ser gratos a esses heróis que transformam vidas e são dominados por belíssimos sonhos. Homens e mulheres, assim envolvidos, merecem o nosso mais profundo respeito.

Temos hoje no Brasil mais de 2,5 milhões de professores. Muitos felizes por sua inequívoca vocação, mas sofrendo as agruras de baixos salários, o que vem de longe. A escritora Clarice Lispector falava de alegrias e agonias na profissão que ela também respeitava muito. Gostaria de encontrar no mestre a figura do orientador ou facilitador de aprendizagem, para atribuir-lhe a devida importância, fazendo do amor a sua maior arma.

Dos que concluem o ensino médio, hoje no Brasil, somente 2% se voltam para o magistério como profissão. Os sacrifícios impostos aos professores brasileiros nem sempre têm o devido reconhecimento da sociedade. Mas existe a convicção de que eles são fundamentais para o nosso futuro e como são importantes para a educação brasileira, hoje e sempre.

“Um país se faz com homens e livros”, dizia, muito apropriadamente, Monteiro Lobato. Atingir qualidade de ensino não é uma tarefa fácil. É preciso mudança de pensamento político. Educação como prioridade significa ampliar o investimento de forma contínua.

De acordo com análise recente da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), 23% dos estudantes brasileiros frequentam uma faculdade ou instituição pública de ensino superior, enquanto a grande maioria, 76%, estuda na rede particular. Esses números mostram a força e o desenvolvimento da educação privada no país, mas ainda não muda a incômoda 88ª posição em que o Brasil aparece no Índice de Desenvolvimento da Educação, divulgado pela Unesco, em 2011.

No mundo, há hoje cerca de 100 milhões de estudantes universitários, entrando o Brasil, nesses cálculos, com menos de 4% desse total. Esse número é inexpressivo se considerarmos nossas potencialidades como nação emergente, líder do seu continente. Especialistas estimam que deveríamos ter o triplo do número atual de estudantes de ensino superior para nos equiparmos com nações como a Argentina e o Chile, que estão, nesse particular, em situação superior à nossa.

Há consenso que um dos maiores desafios das universidades, para os próximos anos, será o emprego de novas tecnologias da informação para a modernização do ensino. É essencial atualizar o tripé ensino/pesquisa/extensão, para criarmos cidadãos críticos e responsáveis, com direito à aprendizagem por toda a vida, como também aprimorar a qualidade do material humano que irá formar crianças e



Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior

SHN Qd. 01, Bl. "F", Entrada "A", Conj "A", 9º andar
Edifício Vision Work & Live, Asa Norte – Brasília/DF
CEP: 70.701-060 - Brasília/DF - Tel.: (61) 3322-3252
E-mail: abmes@abmes.org.br - Website: www.abmes.org.br

jovens, da escola básica ao ensino superior, na era da globalização e da Internet, e que colaborará para a evolução da nossa sociedade.

UM TRABALHO INOVADOR

Fundada em agosto de 1982, a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) congrega entidades do ensino superior particular de todo o território nacional com o objetivo de representá-las nas mais diversas instâncias, governamentais e não governamentais, e de contribuir para o fortalecimento do ensino superior particular brasileiro.

O primeiro presidente foi o professor Candido Mendes e, atualmente, presidida com muita competência por Janguê Diniz, que comanda um dos maiores grupos educacionais do país – o Ser Educacional –, a ABMES desenvolve ações na área acadêmica e no âmbito político com o suporte efetivo de uma equipe técnica multidisciplinar altamente qualificada, ao lado de infraestrutura física moderna e funcional.

No âmbito político, a ABMES registra uma trajetória de 35 anos de luta pelos interesses legítimos das instituições mantenedoras e mantidas, tendo como norte a defesa da livre iniciativa na educação. Merece registro o esforço do atual presidente Janguê Diniz em promover a articulação do setor com os órgãos governamentais. Com uma atuação combativa, ousada, firme e independente e apresentando sempre novas propostas para a melhoria do ensino superior, a ABMES enverga a necessária postura negociadora sem subserviência.

Com o apropriado slogan “Uma nova fase se constrói com um trabalho inovador”, Diniz, de forma participativa e colaborativa, reposicionou a ABMES, garantindo que os interesses do setor estejam sempre no protagonismo. A ABMES continua escrevendo sua história, contemplada por um dirigente competente, inteligente e competitivo, que privilegia o diálogo sem nunca perder o foco na defesa de suas teses, das ações e dos direitos e interesses do segmento que representa.

A atual diretoria evolui e avança na consolidação da base e dos princípios norteadores de sua principal finalidade estatutária, sem perder de vista a transparência e imparcialidade. Com o voto de confiança de seus associados, Janguê Diniz mantém, como sua diretriz principal, a valorização da tradição, conjugada à inovação científica e tecnológica, ao empreendedorismo e à ousadia corajosa, independente, responsável e ética em defesa dos direitos e interesses dos mantenedores do ensino superior particular.

O presidente da ABMES personifica o exemplo de que a educação é uma forma concreta de mobilidade social. Foi estudando que Janguê Diniz conseguiu cursar Direito e Letras, fazer pós-graduação, mestrado e doutorado. Conhece bem a realidade dos professores, porque também foi professor efetivo (concursado) da



ABMES

Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior

SHN Qd. 01, Bl. "F", Entrada "A", Conj "A", 9º andar
Edifício Vision Work & Live, Asa Norte – Brasília/DF
CEP: 70.701-060 - Brasília/DF - Tel.: (61) 3322-3252
E-mail: abmes@abmes.org.br - Website: www.abmes.org.br

Faculdade de Direito do Recife e professor titular de Processo Trabalhista da Uninassau. É autor de 16 livros nas áreas do Direito e da Educação Superior. De origem humilde, o empresário paraibano é hoje o rei da educação do Norte e Nordeste. A história de vida de Janguê Diniz parece revelar uma identidade natural com os sonhos de cada um dos milhares estudantes que circulam diariamente pelas instituições de ensino do Grupo fundado por ele.

EXPERIÊNCIA PESSOAL

Minha primeira formação em nível superior foi em Matemática, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então Universidade do Distrito Federal, na década de 50. Depois, a licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Na UERJ, comecei a lecionar Geometria Analítica nos cursos de Matemática, Física e Química. Depois, já na década de 60, passei a dar aulas de Administração Escolar e Educação Comparada, cadeira na qual fiz os concursos de Livre Docente e professor titular. Ganhei o título de Doutor em Educação.

Anos mais tarde, fixei-me na cadeira de História e Filosofia da Educação no curso de Pedagogia, até a aposentadoria em 1997. Lecionei na UERJ nada menos de 37 anos, incluindo o tempo em que servi ao Colégio de Aplicação, como um dos seus fundadores, ocupando a cadeira de Desenho Geométrico.

Em todos esses anos fiz um extraordinário esforço para entender o fenômeno da educação, procurando trabalhar pelo seu constante aperfeiçoamento.

Se considerarmos o trabalho da Unesco para o século 21, coordenado por Jacques Delors, são quatro os pilares da educação:

1. Aprender a conhecer;
2. Aprender a fazer;
3. Aprender a viver juntos
4. Aprender a ser.

É com esse conjunto que se aprende a descobrir o outro. E assim se pode entender melhor o que é exatamente a missão da educação, nos seus fundamentos essenciais.

Enquanto professor dedicado e homem público, sempre busquei separar o que era **ensino** do que representava **educação**. Sem confundir as responsabilidades de cada um.

Servi ao governo do Rio de Janeiro, por quatro vezes, como Secretário de Estado. Primeiro como Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia da Guanabara e, depois, durante quatro anos, de 1979 a 1983, quando fui Secretário de Educação e Cultura. Foi uma rara oportunidade de comandar o sistema. Inaugurei 88 escolas, é

verdade, mas com uma notável equipe foi possível servir à expansão do processo educacional. Tive ainda o privilégio de viver um segundo período como Secretário de Estado de Educação, no ano de 2006, uma época de consolidação das conquistas realizadas.

A esses feitos podem-se agregar os anos vividos a serviço do Conselho Federal de Educação, onde fiquei de 1986 a 1992 (seis anos) e, depois, dois anos no Conselho Nacional de Educação (1996 a 1998).

Foram oportunidades raras, como a colaboração prestada ao senador Darcy Ribeiro, na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), especialmente no que se refere à inserção da modalidade de educação à distância no sistema brasileiro. Saí do Conselho com uma vivência muito grande, que serviu extraordinariamente aos meus feitos como educador.

Como professor de História e Filosofia da Educação, autor de mais de 3 mil artigos e 100 livros sobre educação, publicados em mais de 20 jornais brasileiros, como presidente do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) e como autor de dezenas de conferências em diversos estados brasileiros, posso afirmar que conheço bem quais são os melhores caminhos que devem ser percorridos pela nossa educação, para que seja devidamente aperfeiçoada.

Devo confessar que não tenho nenhuma dúvida de que o sucesso do nosso futuro passa necessariamente pelos professores, o seu respeito e a melhor e mais adequada remuneração. O curioso é que essa conclusão não vem de hoje. Quando surgiu em 1932, por exemplo, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, assinado por 26 grandes educadores, entre os quais Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Cecília Meirelles, Francisco Venancio, Roquete Pinto e Lourenço Filho, entre outros, já se falava em ensino de qualidade e valorização dos professores, o que infelizmente não passou da teoria. Não se conseguiu organizar adequadamente a educação brasileira.

Hoje, vivemos às voltas com o Plano Nacional de Educação e suas 20 metas. Na verdade, somente quatro delas têm um andamento adequado e sabe-se que faltam recursos financeiros para torná-las viáveis. Queremos dar um novo ensino médio ao país.

Estamos vivendo tempos difíceis. As mudanças de grande amplitude que caracterizam a sociedade contemporânea vêm causando um impacto de proporções inéditas no campo educacional, particularmente no que concerne à juventude. O aumento crescente da demanda por mais escolaridade, a busca por novas formações, a necessidade de percursos curriculares mais flexíveis, a existência de recursos pedagógicos tecnologicamente avançados, o advento da internet e das redes sociais e a comprovada limitação das metodologias mais ortodoxas tornam evidente que a escola, como é hoje, não atende às expectativas e necessidades da juventude brasileira. Espera-se a implementação da nova Base Nacional Curricular Comum, com um revolucionário ensino médio, como pretende o



ministro Mendonça Filho. Já era tempo dessa mudança, que, na verdade, melhor seria se abrangesse todo o sistema, com uma nova lei de diretrizes e bases da educação nacional. Estamos na expectativa de novos dias.

A escola tem sido pressionada a integrar a educação com tecnologias eletrônicas, mas nem todos os espaços físicos estão adaptados para receber os equipamentos e muitos docentes ainda não dispõem de conhecimentos teóricos e práticos para o uso dos novos recursos didáticos. Os ambientes que conseguiram reunir as condições materiais e os recursos humanos qualificados têm obtido bons resultados no processo ensino-aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) abre uma nova fase na educação brasileira. Resultado de intensa participação da sociedade, a primeira versão, lançada em 2015, recebeu 12 milhões de contribuições e deu origem à segunda, em maio de 2016. A versão final incorpora sugestões de 9 mil professores e especialistas e estabelece, entre outros pontos, que toda criança deve estar plenamente alfabetizada até o fim do segundo ano, entre 6 e 7 anos de idade – um ano antes do prazo previsto pela versão anterior. O documento, que servirá como referência para o currículo de todas as escolas do país, foi entregue ao Conselho Nacional de Educação (CNE) para avaliação e, até o final do ano, deve ser homologado pelo MEC.

As escolas terão dois anos para se adequar às novas diretrizes. Entre outros pontos, o documento exclui o ensino religioso e indica a Língua Inglesa como idioma estrangeiro a ser ensinado. Outros pontos chamaram atenção da nova versão da BNCC: o texto traz dez competências para a educação básica. A Base determina o que é essencial, quais habilidades e conhecimentos serão exigidos dos estudantes ao final de cada ano letivo da educação básica. O passo mais difícil, sem dúvida, será tirar o novo currículo do papel. A base não é currículo. Não estabelece método de ensino, projeto pedagógico nem formas de avaliação. Apenas determina o ponto aonde se quer chegar.

Ao definir conhecimentos essenciais e competências que todo aluno deve desenvolver, a Base estabelece direitos iguais de aprendizagem, organizando a progressão do ensino e apontando o que se espera da escola. Mas seu papel é ser referência para a elaboração dos currículos. A Base dá o rumo; os currículos traçarão os caminhos.

Para que o guia curricular anunciado passe a valer em 2019, após apreciação final do CNE – que ainda vai levar um ano – será preciso investir na infraestrutura das escolas do país inteiro. Maior do que qualquer administração, a Base é um esforço do Estado brasileiro, prevista na Constituição, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Plano Nacional de Educação. Por si só, o documento não mudará o cenário atual. Para que transforme a vida de milhões de crianças e adolescentes, precisa-se da estreita colaboração de todas as esferas de governo.



ABMES

Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior

SHN Qd. 01, Bl. "F", Entrada "A", Conj "A", 9º andar
Edifício Vision Work & Live, Asa Norte – Brasília/DF
CEP: 70.701-060 - Brasília/DF - Tel.: (61) 3322-3252
E-mail: abmes@abmes.org.br - Website: www.abmes.org.br

As escolas das redes públicas e privadas deverão adequar seus currículos. O mesmo vale para a formação de professores, a produção de materiais didáticos e as avaliações nacionais.

PLANEJAMENTO

A tecnologia está mudando a educação, não apenas na organização, escolha e disponibilidade dos conteúdos, mas também na distribuição. Isso obriga instituições de ensino a se adaptarem ou irão fracassar nos novos conceitos da sociedade digital. Um dos objetivos da educação é desenvolver a capacidade de tomar decisões conscientes, formar o cidadão para a sociedade, tornando-os mais crítico sobre assuntos do cotidiano.

Há uma disseminação geral das tecnologias da informação e comunicação. É possível perceber que, de forma geral, elas integram a vida das pessoas, estão presentes em diversos seguimentos e influenciam a vida social. A escola como centro de formação e do saber não pode negar o relacionamento entre o conhecimento no campo da informática e os demais setores do saber humano. Trata-se de uma nova forma de linguagem e de comunicação.

Hoje, só uma em cada dez escolas públicas que oferecem ensino fundamental (1º ao 9º ano) no Brasil tem laboratório de ciência, de acordo com dados do Censo Escolar 2015. Isso dá menos de 10 mil escolas de ensino fundamental regular, de um total de 112.393 espalhadas pelo país.

O ensino por experimentação, como requer a Base, demanda pesquisa – o que, hoje em dia, é impossível sem acesso à internet. No Brasil, a maioria das escolas tem laboratórios de informática trancafiados em salas que ninguém acessa e a internet, quando existe, não dá conta de pequenos downloads. Se a Base curricular não vier acompanhada de um bom planejamento corre o risco de ficar desconectada da realidade.

AUTONOMIA

A sociedade contemporânea vive conectada à mídia, o que acarreta uma mudança considerável na velocidade de propagação da informação, da mesma forma que colabora para a criação de ambientes virtuais e de um novo espaço de comunicação.

O atual nível de extremo desenvolvimento dos meios de telecomunicação, como as redes interativas de computadores, vídeos e áudios, possibilita um diálogo mais ágil e particular com o professor e, principalmente, com os próprios alunos. Assim,

esses meios de comunicação viabilizam programas menos estruturados que os meios de comunicação impressos e gravados.

Com o desenvolvimento das tecnologias, o aluno tornou-se cada vez mais autônomo e independente sem ficar limitado pelas restrições de tempo e espaço. Países da Europa, África e América têm se destacado como propulsores de metodologias ligadas às novas tecnologias. Como exemplo de inovações tecnológicas no âmbito do ensino, a partir de 1994, com a expansão da Internet nas Instituições de Ensino Superior (IES), as universidades brasileiras começaram a ofertar cursos superiores à distância e a utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) com maior frequência. Desde então, a Educação a Distância (EAD) criou um mercado amplo e sem precedentes cujas fronteiras parecem infinitas.

Estamos vivendo em pleno mundo digital. Embora ainda existam bolsões de pobreza, a verdade é que, de 20 anos para cá, a internet comercial é uma realidade, hoje com cerca de três bilhões de navegantes. Ter um celular passou a ser um direito humano para cerca de 5,2 bilhões de pessoas, que representam $\frac{3}{4}$ do mundo.

A esse incrível número correspondem empresas que valem 2,4 trilhões de dólares na Bolsa de Valores de Nova Iorque. A Internet continua a crescer, inclusive porque Google e Facebook têm projetos sociais de implantar a beneficência em regiões carentes. É uma forma de valorizar o que entendemos por direitos humanos universais. Vídeos são vistos em celulares, registrando um fenômeno novo em escala mundial: são telas verticais e móveis. Há 20 anos seria pouco provável que se pensasse nessa possibilidade.

EAD

Com a necessidade de atendimento educacional, sobretudo em países socialmente desfavorecidos, esses novos mecanismos abrem perspectivas de democratização de oportunidades como jamais se viu. Assim, pode-se ligar a Internet a uma escala planetária de ofertas, valorizando o conceito de direitos humanos.

Há que se agregar as potencialidades da modalidade de Educação à Distância, hoje, em plena expansão, pois se trata de um fator reconhecidamente barato e eficaz. A EAD se vale dos avanços científicos e tecnológicos e tende a um crescimento explosivo, mesmo em nações subdesenvolvidas, onde as inovações custam mais a chegar, mas acabam se beneficiando também do progresso.

No Brasil, a EAD está vencendo preconceitos iniciais e conquista cada vez mais estudantes, com mais de 1 milhão e 300 mil matriculados. Há 1.200 cursos a distância no país e a alta nos vestibulares é bastante significativa: cresceu 80% nos

últimos dois anos. A modalidade atrai um número cada vez maior de adeptos, embora a maioria pertença ao ensino privado (cerca de 60% do total).

Hoje, com o avanço tecnológico, os alvos da EAD passaram a ser os indivíduos que já estão inseridos no processo produtivo, com faixa etária acima dos 25 anos e problemas de tempo ou geográficos para frequentar uma faculdade regular. São também gerentes de bancos ou de supermercados, por exemplo, que se matriculam nos cursos de educação a distância com o objetivo de melhorar o desempenho em seus trabalhos. E sem a necessidade de abandono de emprego ou de afastamento da família.

O esforço para integração de plataformas deve incluir *softwares*, equipamentos e serviços de telecomunicações. Há diversas experiências em andamento, a partir de credenciamentos autorizados pelo Conselho Nacional de Educação. Mas o número ainda é pequeno para as imensas necessidades pedagógicas do país.

Cerca de 25 milhões de brasileiros com mais de 16 anos têm acesso à Internet, mas devemos pensar que somos uma população superior a 204 milhões de habitantes. Ainda é pequeno o índice dos que têm esse privilégio, mais adstrito a escolas particulares, tornando bem visível o fosso entre incluídos e excluídos digitais, no quadro geral de pobreza do País.

SÉCULO 21

O professor, muito além de letras e números, transmite valores. Na escola o aluno aprende a pensar. Essa é a sua função essencial: desenvolver a inteligência reflexiva. Ao focar a ética é impossível dissociá-la da educação e da qualidade da escola. É também função da escola desenvolver o potencial de liderança que existe em todo ser humano.

Todo o processo educativo tradicional é baseado na cognição, ou seja, como se aprende e como se ensina. O mais importante no futuro será a metacognição: o aluno terá que entender o processo a que está submetido e conhecer seus avanços, obstáculos e deficiências. Isso abre a porta para um novo ponto: a classe não se dividirá mais entre aqueles que sabem e os que não sabem, mas dará espaço para um terceiro, que não sabe o conteúdo, mas sabe onde encontrá-lo. No mundo atual e futuro, é mais relevante a atitude de uma pessoa diante de uma pergunta para a qual ela não tem resposta, porque o acesso à informação não é mais crítico.

A sociedade do conhecimento é uma sociedade de aprendizagem. O sucesso econômico e uma cultura de inovação contínua dependem da capacidade de atualização socioeducativa. A era atual não funciona mais a partir da força das máquinas, mas a partir da força do cérebro, do poder de pensar, de aprender e de inovar. Pretende-se trocar a educação conteudística, marcada pelos *decorebas*, por uma educação comportamentalista que envolve, basicamente, a formação do

caráter dos jovens, transmitindo tanto conhecimentos, quanto comportamentos éticos, práticas sociais e habilidades gerais.

A tradição educativa ocidental tem determinado uma educação voltada para o saber cumulativo de conteúdos, intimamente ligado ao comportamento verbal dos professores, onde a preocupação maior é a obtenção de grau quantitativo e não qualitativo.

O grande problema das organizações atuais é a relação fragmentada do poder. No caso da organização escolar, as lideranças dispersas em ilhas formam um arquipélago organizacional, onde cada um cumpre burocraticamente seu papel.

Esse modelo de escola já não nos leva a uma aprendizagem efetiva, pelo fato de estar em desarmonia não só com as mudanças de comportamento social, quanto aos avanços tecnológicos. Se o professor não estiver atento à estrutura cognitiva e emocional do aluno, o aprendizado fica comprometido. Segundo especialistas, conhecer o funcionamento do cérebro contribui para o rendimento dos estudantes.

Pesquisas recentes revelam que a neurociência potencializa a inteligência dos alunos. O professor precisa trabalhar a mesma informação de modos diferentes, buscando as individualidades e tornando as aulas atraentes. Para prestar atenção em algo, o cérebro está sempre lutando contra pensamentos e elementos visuais que se dispersam. É preciso buscar melhores caminhos para a assimilação de informações, reforçando a necessidade de se combater um modelo de ensino que reduz a aprendizagem à memorização de conteúdos.

Não por acaso, vemos professores investindo em práticas ligadas à música e à dramatização em suas aulas. Os ritmos e sons abrem muitas conexões para a memória de longo prazo, que é a que fixa a aprendizagem.

O professor é o agente educacional básico. É ele quem interage com o aluno quase o tempo todo. Por paradoxo, o magistério, em geral, não recebe a consideração merecida e, por frustração, reage inconscientemente, adotando atitudes incompatíveis às suas funções.

Por mais controvérsias que existam sobre métodos de ensino, um conjunto de ideias virou praticamente consenso entre educadores nas últimas décadas. Algumas delas: o aluno deve gostar do que aprende; decorar informações é negativo; e desenvolver competências como pensamento crítico, mais do que ensinar o conteúdo curricular, é o verdadeiro papel da escola do século XXI.

A verdadeira pedagogia moderna, baseada nas ciências cognitivas do século XXI, mostra que não basta saber ler. Os jovens devem ter fluência na leitura e nas operações matemáticas. Português e matemática são duas disciplinas estruturantes, que permitirão progredir nas outras. Isso permite aos alunos libertar a mente para as outras atividades de ordem cognitiva. É impossível aplicar criativamente conceitos se não se conhecem esses conceitos. Não se podem saltar etapas.



Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior

SHN Qd. 01, Bl. "F", Entrada "A", Conj "A", 9º andar
Edifício Vision Work & Live, Asa Norte – Brasília/DF
CEP: 70.701-060 - Brasília/DF - Tel.: (61) 3322-3252
E-mail: abmes@abmes.org.br - Website: www.abmes.org.br

As escolas não são máquinas de ensino. O papel de liderança do professor é fundamental para reverter a situação mecanicista que ainda predomina em nossas salas de aula. Mas para isso é necessária a mudança na cultura organizacional, criando-se um clima motivador à participação e à criatividade.



Arnaldo Niskier é membro da Academia Brasileira de Letras e foi jurado da 1ª edição do Prêmio ABMES de Jornalismo

5 ANOS